



Tarefa Mínima

TM 06 - 1ª SÉRIE - ROGGER - INT DE TEXTO

01. (Enem PPL 2019) Prezada senhorita,

Tenho a honra de comunicar a V. S. que resolvi, de acordo com o que foi conversado com seu ilustre progenitor, o tabelião juramentado Francisco Guedes, estabelecido à Rua da Praia, número 632, dar por encerrados nossos entendimentos de noivado. Como passei a ser o contabilista-chefe dos Armazéns Penalva, conceituada firma desta praça, não me restará, em face dos novos e pesados encargos, tempo útil para os deveres conjugais.

Outrossim, participo que vou continuar trabalhando no varejo da mancebia, como vinha fazendo desde que me formei em contabilidade em 17 de maio de 1932, em solenidade presidida pelo Exmo. Sr. Presidente do Estado e outras autoridades civis e militares, bem assim como representantes da Associação dos Varejistas e da Sociedade Cultural e Recreativa José de Alencar.

Sem mais, creia-me de V. S. patricio e admirador,
Sabugosa de Castro

CARVALHO, J. C. Amor de contabilista. In: *Porque Lulu Bergatim não atravessou o Rubicon*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

A exploração da variação linguística é um elemento que pode provocar situações cômicas. Nesse texto, o tom de humor decorre da incompatibilidade entre

- o objetivo de informar e a escolha do gênero textual.
- a linguagem empregada e os papéis sociais dos interlocutores.
- o emprego de expressões antigas e a temática desenvolvida no texto.
- as formas de tratamento utilizadas e as exigências estruturais da carta.
- o rigor quanto aos aspectos formais do texto e a profissão do remetente.

02. (Enem 2ª aplicação 2016) **Da corrida de submarino à festa de aniversário no trem**

Leitores fazem sugestões para o Museu das Invenções Cariocas

"Falar 'caraca!' a cada surpresa ou acontecimento que vemos, bons ou ruins, é invenção do carioca, como também o 'vacilão'."

"Cariocas inventam um vocabulário próprio". "Dizer 'merrmão' e 'é merrmo' para um amigo pode até doer um pouco no ouvido, mas é tipicamente carioca."

"Pedir um 'choro' ao garçom é invenção carioca."

"Chamar um quase desconhecido de 'querido' é um carinho inventado pelo carioca para tratar bem quem ainda não se conhece direito."

"O 'ele é um querido' é uma forma mais feminina de elogiar quem já é conhecido."

SANTOS, J. F. Disponível em: www.oglobo.globo.com. Acesso em: 6 mar. 2013 (adaptado).

Entre as sugestões apresentadas para o Museu das Invenções Cariocas, destaca-se o variado repertório linguístico empregado pelos falantes cariocas nas diferentes situações específicas de uso social.

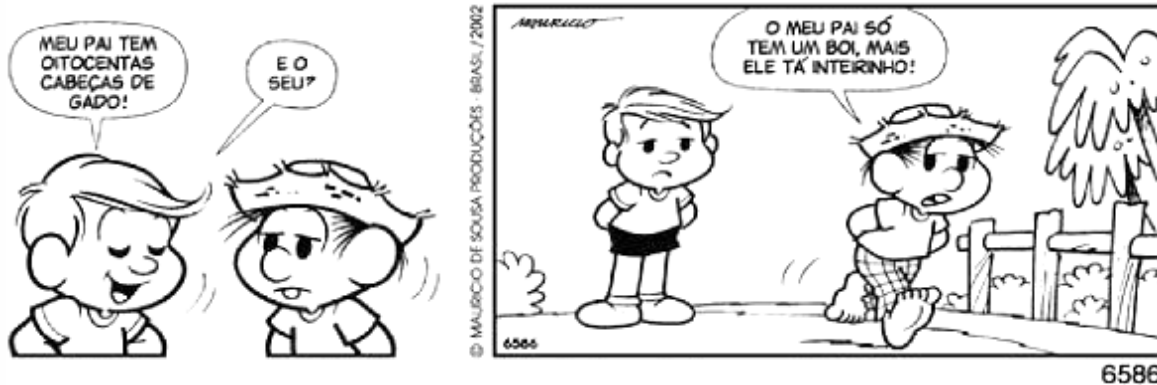
A respeito desse repertório, atesta-se o(a)

- desobediência à norma-padrão, requerida em ambientes urbanos.
- inadequação linguística das expressões cariocas às situações sociais apresentadas.
- reconhecimento da variação linguística, segundo o grau de escolaridade dos falantes.
- identificação de usos linguísticos próprios da tradição cultural carioca.
- variabilidade no linguajar carioca em razão da faixa etária dos falantes.



TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Responda à(s) questão(ões) com base na tirinha abaixo.



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.
Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000000447/0000003347.jpg>>.
Acesso em: 22 set. 2015.

03. (G1 - ifpe 2016) No último balão da tirinha de Maurício de Sousa, o autor escreveu “mais” em vez de “mas” na tentativa de representar, na escrita, a forma como a personagem Chico Bento, supostamente, pronunciaria a conjunção adversativa. Existem diversas formas e níveis de variação linguística, justamente, porque somos influenciados por diversos fatores, tais como: região, escolaridade, faixa etária, contexto comunicativo, papel social etc.

Com base nesses pressupostos, assinale a alternativa que representa uma variante linguística característica do falar popular mineiro.

- a) “Aquele fi duma égua só me deixou aperreado”.
 - b) “Protesto, meritíssimo! A testemunha não havia falado da agressão.”
 - c) “Capaz, guri! Só tava de bobeira contigo, bagual!”
 - d) “Uai? Cê já chegô, sô? Peraí, que eu já tô saíno!”
 - e) “Aquela mina é firmeza, mano!”
04. (Ufmg 2012) Leia estes textos, em que se aborda a aprovação pelo MEC do livro *Por uma vida melhor* e se discutem questões relacionadas ao ensino da língua materna:

TEXTO I

Falando errado

Morro e não consigo ver tudo. Na quadra da vida em que nos encontramos, esta expressão popular se torna latente. O Ministério da Educação aprova o uso do livro “Por uma vida melhor”, da “Coleção Viver, Aprender”, cujo conteúdo ensina o aluno a falar errado. É isso mesmo! A justificativa tem uma certa pompa ao criar um novo apêndice linguístico, quando fundamenta que o aluno do ensino fundamental deve aprender a usar a “norma popular da língua portuguesa”. Os autores da obra defendem o uso da “língua popular” afirmando que a “norma culta não leva em consideração a chamada língua viva”. Ora, ora! Temos, aí, tempos revolucionários, que implicam novas regras na comunicação e expressão. Há poucas semanas foi o surgimento de projeto de lei que determina a extinção de palavras estrangeiras em escritas oficiais e em publicidades. Agora, em documento oficial - um livro aceito pelo MEC -, escreve-se errado para ensinar a falar errado. Assim sendo, não poderemos criticar a [...] a quantidade de lastimáveis programas no horário nobre da televisão e outras barbaridades perpetradas à cultura brasileira.

SANTOS, Milton. *Jornal do Comércio*, 17/5/2011. Disponível em: <<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=62332>>. (Fragmento) Acesso em: 20 jun. 2011.

TEXTO II

Polêmica ou ignorância?

Discussão sobre livro didático só revela ignorância da grande imprensa

[...] Polêmica? Por que polêmica, meus senhores e minhas senhoras? Já faz mais de quinze anos que os livros didáticos de língua portuguesa disponíveis no mercado e avaliados e aprovados pelo Ministério da Educação abordam o tema da variação linguística e do seu tratamento em sala de aula. [...]

Já no governo FHC, sob a gestão do ministro Paulo Renato, os livros didáticos de português avaliados pelo MEC começavam a abordar os fenômenos da variação linguística, o caráter inevitavelmente heterogêneo de qualquer língua viva falada no mundo, a mudança irreprimível que transformou, tem transformado, transforma e transformará qualquer idioma usado por uma comunidade humana. Somente



com uma abordagem assim as alunas e os alunos provenientes das chamadas “classes populares” poderão se reconhecer no material didático e não se sentir alvo de zombaria e preconceito [...]

Nenhum linguista sério, brasileiro ou estrangeiro, jamais disse ou escreveu que os estudantes usuários de variedades linguísticas mais distantes das normas urbanas de prestígio deveriam permanecer ali, fechados em sua comunidade, em sua cultura e em sua língua. O que esses profissionais vêm tentando fazer as pessoas entenderem é que defender uma coisa não significa automaticamente combater a outra. Defender o respeito à variedade linguística dos estudantes não significa que não cabe à escola introduzi-los ao mundo da cultura letrada e aos discursos que ela aciona. Cabe à escola ensinar aos alunos o que eles não sabem! Parece óbvio, mas é preciso repetir isso a todo momento.

O mais divertido (para mim, pelo menos, talvez por um pouco de masoquismo) é ver os mesmos defensores da suposta “língua certa”, no exato momento em que a defendem, empregar regras linguísticas que a tradição normativa que eles acham que defendem rejeitaria imediatamente. Pois ontem, vendo o Jornal das Dez, da GloboNews, ouvi da boca do sr. Carlos Monforte essa deliciosa pergunta: “Como é que fica então as concordâncias?”. Ora, sr. Monforte, eu lhe devolvo a pergunta: “E as concordâncias, como é que ficam então?”

BAGNO, Marcos. Disponível em: <http://marcosbagnos.com.br/site/?page_id=745>. (Fragmento). Acesso em: 20 jun. 2011.

- Explicita o ponto de vista defendido em cada texto e cite argumentos que os autores mobilizam para defender sua posição.
- No final do texto 2, o autor cita a fala de um jornalista como exemplo que contraria a gramática normativa. Identifique a regra gramatical a que se refere o autor e explique por que ela não foi respeitada na fala do jornalista citado.
- Reescreva a frase do jornalista, de modo a adequá-la à norma do português padrão.
- Explique por que o autor do texto qualifica a situação de emprego da frase do jornalista como “divertida”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO: TEXTO I

A Rede Veia

Luiz Queiroga e Cel. Ludugero

Eu tava com a Felomena
Ela quis se refrescar
O calor tava malvado
Ninguém podia aguentar
Ela disse meu Lundru
Nós vamos se balançar
A rede veia comeu foi fogo
Foi com nois dois pra lá e pra cá

Começou a fazer vento com nois dois a palestrar
Filomena ficou beba de tanto se balançar
Eu vi o punho da rede começar a se quebrar
A rede veia comeu foi fogo
Só com nois dois pra lá e pra cá

A rede tava rasgada e eu tive a impressão
Que com tanto balançado nois terminava no chão
Mas Felomena me disse, meu bem vem mais pra cá
A rede veia comeu foi fogo
Foi com nois dois pra lá e pra cá

Disponível em http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php?option=com_content&task=view&id=8&&Itemid=103. Acessado em: 02 ago 2011.

TEXTO II

Pescaria

Dorival Caymmi

Ô canoeiro,
bota a rede,
bota a rede no mar
ô canoeiro,
bota a rede no mar.



Cerca o peixe,
bate o remo,
puxa a corda,
colhe a rede,
ô canoeiro,
puxa a rede do mar.

Vai ter presente pra Chiquinha
ter presente pra laiá,
canoeiro, puxa a rede do mar.
Cerca o peixe,
bate o remo,
puxa a corda,
colhe a rede,
ô canoeiro,
puxa a rede do mar.

Louvado seja Deus,
ó meu pai.

Disponível em: <http://www.miltonnascimento.com.br/#/obra>. Acessado em: 02 ago 2011.

TEXTO III

A Rede

Lenine e Lula Queiroga

Nenhum aquário é maior do que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior me causa o efeito
De concha no ouvido

Barulho de mar
Pipoco de onda
Ribombo de espuma e sal
Nenhuma taça me mata a sede
Mas o sarrabulho me embriaga
Mergulho na onda vaga
E eu caio na rede,
Não tem quem não caia
E eu caio na rede,
Não tem quem não caia

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raios que controla a onda cerebral do peixe

Nenhuma rede é maior do que o mar
Nem quando ultrapassa o tamanho da Terra
Nem quando ela acerta,
Nem quando ela erra
Nem quando ela envolve todo o Planeta

Explode e devolve pro seu olhar
O tanto de tudo que eu tô pra te dar
Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove
Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove

Disponível em: <http://www.lenine.com.br/faixa/a-rede-1>. Acessado em: 02 ago 2011.



TEXTO IV

Nina

Chico Buarque

Nina diz que tem a pele cor de neve
E dois olhos negros como o breu
Nina diz que, embora nova
Por amores já chorou
Que nem viúva
Mas acabou, esqueceu

Nina adora viajar, mas não se atreve
Num país distante como o meu
Nina diz que fez meu mapa
E no céu o meu destino rapta
O seu

Nina diz que se quiser eu posso ver na tela
A cidade, o bairro, a chaminé da casa dela
Posso imaginar por dentro a casa
A roupa que ela usa, as mechas, a tiara
Posso até adivinhar a cara que ela faz
Quando me escreve

Nina anseia por me conhecer em breve
Me levar para a noite de Moscou
Sempre que esta valsa toca
Fecho os olhos, bebo alguma vodca
E vou

Disponível em: http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=nina_2011.htm. Acessado em: 02 ago 2011.

05. (Uff 2012) Uma língua varia em função de aspectos sociais, localização geográfica e uso de diferentes registros, ligados às situações de comunicação.

Marque a alternativa que analisa corretamente a ocorrência de variação linguística nos textos.

- O verso "Nós vamos se balançar" (Texto 1, linha 6) apresenta um exemplo da modalidade culta da língua, revelada no emprego dos pronomes.
- No verso "A rede veia comeu foi fogo" (Texto 1, linha 7), a grafia da palavra sublinhada procura reproduzir pronúncia comum em algumas regiões do Brasil (veia por velha), que exemplifica uma variação fonética.
- Em: "E eu caio na rede / Não tem quem não caia" (Texto III, linhas 11 – 12), o emprego do verbo *ter* é marca do registro culto da língua, utilizado preferencialmente na modalidade escrita.
- Em: "Vai ter presente pra Chiquinha" (Texto II, linha 12), o nome "Chiquinha" exemplifica o uso do registro informal, utilizado, sobretudo, em documentos oficiais e sermões religiosos.
- No verso: "Posso até adivinhar a cara que ela faz" (Texto IV, linha 16) a palavra *cara* exemplifica uma variação de registro linguístico predominante em situações formais.

06. (Ufsc 2006) Leia as citações a seguir e responda à questão proposta.

"Mas muito lhe será perdoado, à TV, pela sua ajuda aos doentes, aos velhos, aos solitários."

(BRAGA, Rubem. "200 crônicas escolhidas". Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2004, p. 486).

"Sinhô e Sinhá num mêis ou dois mêis se há de casá!"

(LIMA, Jorge de. "Novos Poemas". Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997, p. 03).

"... eu osvi falá que os bugre ero uns bicho brabo..."

(CASCAES, Franklin. "O fantástico na Ilha de Santa Catarina". Florianópolis: Editora da UFSC, 2004, p. 27).

"-... morreu segunda que passou de uma anemia nos rim..."

(MACHADO, A. de A. "Brás, Bexiga e Barra Funda". São Paulo: Editora Martin Claret, 2004, p. 55).

Levando em conta as diferentes formas linguísticas utilizadas pelos autores na composição de suas obras, comente sobre a linguagem usada como recurso na construção dos textos. Para tanto, considere as duas proposições a seguir:

- variação linguística versus erro linguístico;
- funções da linguagem na literatura.